

“Grãozinhos de areia”: uma experiência formativa, lúdica, construtiva e pedagógica no educandário Menino Jesus de Praga



Érica Nara Resende
Especializanda em Educação Profissional e
Tecnológica Aplicada à Gestão de
Programas e Projetos de Aprendizagem
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do
Triângulo Mineiro (IFTM)

Introdução

Este texto trata de um relato de experiência de um Projeto Pedagógico que tem como base teórica três autores, os quais defendem o papel do afeto no desenvolvimento humano no campo da Psicologia – Jean Piaget, Lev Semenovitch Vygotsky e Henry Wallon–, assim como a relação complexa das linguagens verbais e não verbais, permeando o trabalho construtivista do aprendizado em meio à afetividade e ao convívio familiar. Nesse contexto, surgem os seguintes questionamentos: Quais os melhores meios para garantir um aprendizado de maior nível de qualidade? Qual a relação que pode ser obtida da interpretação e interação? Qual o nível de desenvolvimento que pode ser alcançado diante da autonomia do estudante?

Na tentativa de responder a esses questionamentos e levando-se em consideração que cada professor tem seu modo de pensar e agir, formas de ensinar e avaliar, a proposta pedagógica foi aplicada a estudantes da educação infantil (pré-escola), tendo como pressuposto a convivência e o vínculo a ser estabelecido com um animal. Coletaram-se, após um mês, os relatos de experiências de cada um.

Esse projeto visou, com a junção de múltiplas estratégias que contribuíram de forma prazerosa

para o aprendizado, trabalhar o desenvolvimento da autonomia do estudante e o exercício do seu pensar, tanto no que diz respeito a cuidados pessoais, a atos cotidianos de sua responsabilidade, como também mediante linguagem e cooperação, utilizando-se das noções matemáticas, raciocínio lógico, criativo e expressão corporal.

A interação é uma das defesas de Jean Piaget, em seu livro *“Biologie et Connaissance”* (1967), quando considera que os seres humanos, para desenvolverem sua inteligência, deveriam interagir com outros indivíduos da sociedade. O ser humano é por natureza um ser social. E existe lugar melhor onde começar essa influência de ensino senão em casa? Com o carinho e a segurança dos seus familiares? Lembrando que, para se entender a afetividade, devemos nos relacionar e descobrir o “ser social”. Os estímulos são sentidos e obtêm respostas, criando descobertas e montando atitudes e valores, sociais e lógicos. Conforme Arantes (2000), Piaget ressalta que, para haver a identificação de algum conteúdo, seja ele teórico ou prático, seja em uma instituição de ensino ou em uma situação de convivência, deve haver uma interação afetiva entre quem explica o conceito e quem recebe a informação. Isso ocorre, pois é por meio da interação que surge o interesse pelo objeto. Piaget (2005) defende que “o homem normal não é social da mesma maneira aos seis meses ou aos vinte anos de idade e, por conseguinte, sua individualidade não pode ser da mesma qualidade nesses dois diferentes níveis.”

Nesse sentido, segundo Mahoney e Almeida (2005), Wallon considera que a escola deve proporcionar formação integral de uma forma abrangente no segmento intelectual, afetivo e social. Seu ensinamento pedagógico diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro. Baseou suas ideias em quatro elementos básicos que se interagem a tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. De acordo com esses diferentes níveis de pensamentos, pode-se inferir que um dos termos fortes presentes em nossa atualidade é a Inclusão. A habilidade de perceber e conhecer o outro, tendo grandes privilégios assim de comunicar e participar com seres diferentes de nós, pois estar junto não é apenas um pequeno agrupamento, mas sim interagir com o outro. E tudo que aprendemos leva à ponderação e à construção de uma visão de mundo.

Por fim, para Vygotsky (2002), a semelhança lógica entre o sujeito e a sociedade a seu redor é responsável pela constituição desse sujeito, ou seja, o homem transforma o ambiente e o ambiente modifica o homem. Ainda, segundo o autor, na relação entre o aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes. No caso do projeto em questão, a criança construiu um aprendizado com contato e a vivência e só depois estabeleceu o registro em forma de desenho mediante acomodação cognitiva. Esse por sua vez é definido como o caminho entre o que a criança consegue aprender sozinha e o que ela está perto de conseguir fazer sozinha.

Desenvolvimento

Na escola Educandário Menino Jesus de Praga (Uberaba/MG) da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresinha do Menino Jesus, a turma da Pré-Escola – 4 anos foi nomeada pela professora regente com o nome de “Grãozinhos de Areia”¹. Este livreto em forma de cordel, lido em sala de aula, chamou a atenção dos alunos, pelas imagens curiosas associadas a novas possibilidades e expectativas de aprendizagem no qual o conto remete mostrando a transformação de um grão de areia em uma pérola preciosa devido à conquista do conhecimento.

A Proposta Pedagógica desenvolvida com a referida sala aconteceu no ano de 2015. Em um primeiro momento e com a antecipada autorização dos responsáveis, cada criança ganhou uma ave da espécie *Gallus gallus domesticus* (aves galiformes e fasianídeas), cujos filhotes são chamados de pintos

¹O livro infantil de Fernando Paixão, ilustrado por Mirella Spinelli, em forma de cordel, conta a história de um grãozinho de areia, que tinha sonhos de sair pelo mundo e conhecer lugares diferentes. De espírito esperançoso e sedento por aventuras, pegou carona num vento forte e, contrariando a todos os descrentes, pôs-se a viajar na leveza do infinito das possibilidades... Acabou-se como uma pérola.

ou pintinhos. Esta escolha foi feita pela facilidade de aquisição e transporte. Eufóricos com a ideia, as crianças deram nomes às pequenas aves e receberam orientações para os cuidados necessários, pois ficariam com elas durante as férias.

Trabalhamos com dobradura e, dessa forma, montamos uma caixa de papelão com medidas de 20 cm de comprimento por 30 cm de largura e 10 cm de altura. Em outro momento, em um recipiente plástico transparente de 15 cm de largura e 25 cm de comprimento, mediante contagem oral da quantidade, os alunos foram enchendo os sacos com milho farelado em iguais proporções.

Com o empenamento formado, os filhotes tinham em média cerca de 3 a 4 dias – “Pequenos e fofinhos”. Com o abrigo e a alimentação providenciados, cada aluno levou o seu pintinho para casa.

Quando as crianças retornaram das férias, as novidades encheram o ambiente escolar. Cresceu o interesse pelo registro delas no papel, com desenhos que expressavam suas vivências com as aves e a troca dos acontecimentos com os colegas. Neste sentido, é importante destacar que o uso da arte na pré-escola é uma alternativa valiosa como linguagem de expressão. O desenho, como qualquer forma artística, é uma manifestação do lado emocional, estimula a aprendizagem, acalma as crianças, além de treinar a coordenação motora. É uma forma não verbal de demonstração de sentimentos e relações espontâneas. Conforme Wallon (1975), as ações exteriores influenciam diretamente nas atitudes e suas formações, na medida em que:



A nossa experiência é feita das realidades com as quais as circunstâncias da vida nos puseram em contato... Quando o homem começou a refletir sobre a sua representação do mundo, viu que nela se encontravam frente a frente dois fatores: ações exteriores e a sua própria atividade. (WALLON, 1975, p. 297).

O desenho pode ser utilizado pelo profissional da educação como uma análise crítica do que a criança reteve de uma história ou informação, ou seja, ela desenha a sua vida. Assim, como afirma Moreira (2009, p.96), "o seu próprio canal expressivo [...] com as palavras, com a música, com as cores, com o gesto. E, também, se aventura em outras linguagens, recriando o seu espaço lúdico, se afirmando como ser humano".

Entre a emoção e a atividade intelectual existe a mesma evolução, o mesmo antagonismo... Ela é uma primeira forma de compreensão, mas ainda completamente dominada pelo interesse do momento e baseada em casos particulares. (WALLON, 1968, p. 152).

O autor citado nos faz pensar que os desenhos se tornam mais expressivos quando estão ligados às emoções, linguagens próprias tão vivas no mundo infantil, criando e construindo o pensar.

Resultados e Discussões

Um grande envolvimento por parte da família já era esperado. Muitos casos surpreendentes foram relatados e, na volta às aulas, todos os alunos queriam contar suas histórias com o "pintinho". Pensando e agindo, criando sua própria autonomia:

Basta lembrar que, para a epistemologia genética, o pensamento racional é, entre outras coisas, fruto da abstração reflexiva, ou seja, do esforço que o sujeito faz para pensar seu próprio pensar ou agir... A autonomia explicita-se pela participação irredutível e indispensável do indivíduo na elaboração de novas formas de pensar e novos conhecimentos. (LA TAILLE, 1992, p. 112).

Com essa convivência e o vínculo estabelecido com a ave, foram colhidos os relatos dos alunos. Neste sentido, houve uma transcrição fiel da fala infantil de cada um. O processo de ensino aprendizagem foi analisado de forma única, ao observar emoções e sentimentos que se diferenciaram intensamente, em função das situações vividas. Os saberes são edificados no tempo, na socialização familiar, escolar, numa integração entre valores e concepções. Percebendo que a aprendizagem com motivações diferenciadas, pode proporcionar uma maior dimensão cognitiva.

Caso do projeto em questão, com suas experiências concretas e afetivas, múltiplas linguagens e relacionamento interpessoal. A seguir estão retratadas algumas ilustrações construídas pelas crianças e pequenos fragmentos de seus relatos.

Figura 1: "Ele tá ficando gordinho se chama "Sol"..."

"Meu pai pega ele no colo"...

"Minha mãe gosta dele"...

"Tá espertinho e voando na caixa"...

"Ele cresceu!! Tá morando numa gaiola grande"...

Agora..."Não sei o que vai acontecer com ele"



Figura 1

Figura 2: "É muito difícil de cuidar de pintinho tia!..."

"Mas ele subiu embaixo e não em cima"...

"Aí ele bebeu um pouco de água com a cabeça para cima"...

"Bate o dedinho na comida aí ele já sabe"...

"Quando estala os dedos ele vai na mão do meu pai"...



Figura 2

Figura 3: “Minha mãe disse: Acho que ele morreu e eu joguei ele no mato!”...
 “Mais aí ele tava vivo debaixo do balcão”...
 “Um dia um Lava – Deus apareceu e ficou bonito!!
 Um verde dele e o amarelo do pintinho.” ...
 “Ah! Se eu soubesse que você queria pintinho tinha trazido lá da roça pra você uai!”
 “O pintinho cresceu e o amigo dele também...”



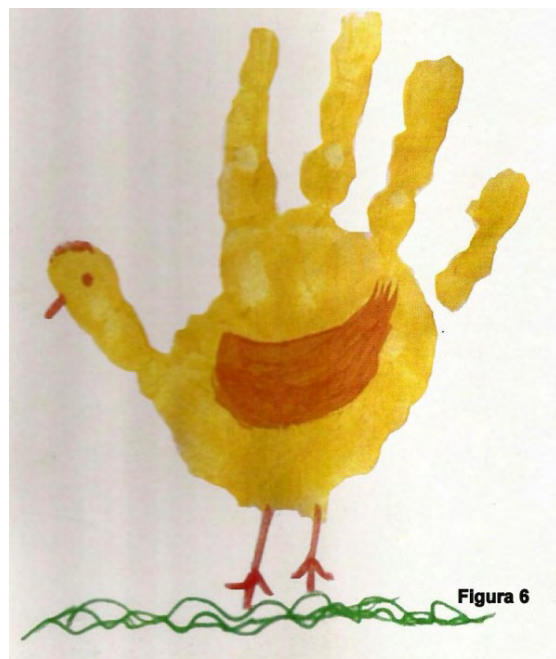
Figura 4: “Brinquei de mamãe e filhinha”...
 “Pus vestidinho nele, passei batom na “sobrancelha” dele”...
 “Ele olho no espelho”...
 “Era férias e o meu pintinho ficou colorido!...”
 “A minha avó colocou ração alaranjada Tia!...”
 “Parece com o meu avô!...Bunito!...” ...Só!!!



Figura 5: “Quando eu cheguei em casa minha mãe, não deixa. Falou não!!!”... “Meu pintinho, tia, eu cuidei e dei água Lá na sala dela...”



Figura 6: Um animal foi cedido para a turma “Querubins” do maternal /2 anos. “Algumas crianças queriam apertar”...





A participação da família é de suma importância na formação e na educação de seus filhos. O limite existe desde o útero e a mediação imposta traz segurança e a certeza de cuidados. López (2009) salienta que a principal fonte da educação é a relação e o contato cotidiano entre pais e filhos.

A criança já começa seu aprendizado no contato com os familiares: o que gosta e o que não gosta. Sendo assim, essa cooperação entre família e escola pode contribuir para o sucesso escolar dos alunos.

Tal questão, discutida por Jean Piaget (1978), enfatiza a construção da autonomia, da autossuficiência e do seu adiantamento. Segundo o autor, a autonomia não está relacionada ao isolamento e sim a um processo do “vir a ser”, da capacidade de aprender sozinho respeitando o ritmo próprio. Na verdade, ele entende que o progredir do pensamento independente e lógico-operatório é equivalente ao aparecimento da capacidade de formar relações cooperativas.

Com o surgimento das formações institucionais, a criança se torna cada vez mais apta a

agir em cooperação. E, dessa maneira, forma-se uma sistemática de regras morais necessárias à manutenção das relações interpessoais, edificadas com o respeito mútuo, tanto dentro da escola, como fora dela.

Considerações Finais

Aliando os relatos e os desenhos, a construção do cognitivo impulsionou o desenvolvimento expressivo, o envolvimento e a afetividade no contexto familiar. Assim, pôde-se perceber o interesse dos alunos, a construção de sua autonomia e formação de responsabilidades. A alegria proporcionada e o estreitamento das relações em prol de uma educação construtivista, interacionista em união entre professor, pais e alunos.

Como quase tudo na vida, o Educandário Menino Jesus de Praga surgiu de um sonho. Esse espaço se tornou realidade e as famílias, que deixam suas crianças, têm a certeza de que elas serão acolhidas, educadas e cuidadas. O Educandário Menino Jesus de Praga é uma instituição Social da Congregação das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Teresa do Menino Jesus. Possui relevância para o desenvolvimento social, educacional e cultural, através das práticas de cidadania oferecidas. A família de hoje conta com a escola, ou seja, com os professores na formação das crianças. Os familiares e/ou responsáveis têm a tranquilidade de deixar seus filhos aos cuidados do educandário. Dessa forma, essas famílias precisam estar informadas sobre a linha de pensamento que a escola tem para com seus filhos e que é essencial falar a mesma língua. Essa parceria - família/escola - não é necessária apenas em datas comemorativas, eventos e reuniões de pais e mestres, mas na formação integral do ser humano. E o projeto “Dos Pintinhos” aqui relatado foi de valiosa importância para esse exercício de envolvimento social, familiar e afetivo.

Agradecimentos

A Deus, por sua imensa generosidade para comigo. Ao meu trabalho e estudos, a todos que me ajudam a ter esperança em uma educação de amor e dedicação. Aos pais e alunos que participaram ativamente deste processo. Ao Boletim Técnico IFTM - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro, por me ceder este espaço de divulgação, e a todos os seus colaboradores, em especial aos meus mestres.

Referências

ARANTES, V.A. DE ARAÚJO. Cognição. Afetividade e moralidade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, n.2, 2000, p.137-153.

LA TAILLE, Y. ; OLIVEIRA, M. K. ; DANTAS, H.A. Questão da Autonomia do Sujeito. In:_____. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. 15.ed. São Paulo – SP: Summus, 1992, p.115.

LÓPEZ, I. S. **Educação na família e na escola**: o que é, como se faz. 2. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

MAHONEY, A.A.; ALMEIDA, L.R. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação**. São Paulo. 2005.p.11-30.

MOREIRA, A. A. **O espaço do desenho**: a educação do educador. 13. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.

PAIXÃO, F. **O Grãozinho de Areia**: em cordel. São Paulo: Paulus, 2010.

PIAGET, Jean. **Biologie et connaissance**.17. ed. Paris: Gallimard, 1967.

_____. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro, ed. José Olympio, 2005.

_____. **Fazer e Compreender**. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1978.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento, linguagem e desenvolvimento intelectual**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, H.O Real e o Mental. In:_____. **Psicologia e Educação da Infância**. Lisboa: Estampa, 1975. p. 297-351.

_____. A Afetividade. In:_____. **A Evolução Psicológica da Criança**. ed. 70.São Paulo: Martins e Fontes, 1968, p. 145-154.

